

1960: o ano dourado da democracia

Naquela segunda-feira, 3 de outubro de 1960, 15 milhões de brasileiros — pouco menos da quarta parte da população — foram às urnas para escolher, pela última vez, o Presidente da República. Três eram os candidatos: Jânio da Silva Quadros, representante de uma coligação que reunia mais de uma dezena de partidos de oposição e tinha como base a UDN; pela situação, o Marechal Henrique Teixeira Lott, do PSD aliado ao PTB; e Adhemar de Barros, do PSP.

O Brasil vivia uma espécie de anos dourados, com a inauguração recente de Brasília. A dívida externa passara para algo em torno de US\$ 2 bilhões e não figurava entre as grandes preocupações nacionais. Jânio Quadros, com sua "vassoura", centrava a campanha na promessa de varrer o fisiologismo e a corrupção.

Numa época em que a televisão, ainda em preto e branco, apenas engatinhava no País, Jânio reunia multidões nas praças públicas para falar dos problemas que assolavam o Brasil. Prometia mudanças, insuflava o espírito nacionalista do povo, vendia um programa renovador.

Aos 44 anos, ex-Governador de São Paulo, Jânio teve uma carreira meteórica na política brasileira, mas competia com um militar do prestígio de Lott, que tinha o apoio de Juscelino Kubitscheck — de quem fora Ministro da Guerra — e que era também apoiado por algumas importantes forças políticas da época, como o PTB, o que incluía o Governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, agora candidato. Em São Paulo, o jovem Mário Covas, iniciando-se na carreira política, estava entre aqueles que propalavam as virtudes de Jânio. Maluf era pró-Adhemar de Barros. Ulysses, que tinha a mesma idade de Jânio Quadros, apoiava o Marechal Lott.

Na verdade, um comício, qualquer que fosse, era motivo de festa nos meses que antecederam a eleição de 60. O povo ia para as ruas para conhecer as idéias daqueles em que não pretendia votar. Cartazes, bandas de música e papel picado davam ao Rio e a São Paulo, principais colégios eleitorais do País, um toque todo especial. A TV funcionava como um acessório, um complemento. Mas isso pode ser explicado: as camadas

populares, maioria do povo, quase não tinham acesso à televisão, que chegara ao País no fim de 1954. Por isso mesmo, no palanque, mais do que o candidato, pesava o carisma do orador. Jânio era melhor do que Lott, tímido e sem charme ao microfone.

Para percorrer o País de Norte a Sul, ninguém dispunha de jatinhos, como hoje. Lott utilizava um bimotor DC-3 que pelo menos por duas vezes o deixou na mão, com comício marcado e o povo à espera na praça pública. Jânio usava um quadrimotor DC-4, bem mais veloz — chegava a atingir 400 km/h — do que o bimotor do Marechal.

Era uma época em que a tecnologia, na maioria das vezes, tinha de ser substituída pela criatividade, pela oratória, pelo magnetismo pessoal. Para ter acesso à televisão, os partidos dos candidatos se viam obrigados a comprar horários na programação. Horário eleitoral gratuito, nem pensar.

Mas já naquela época os candidatos utilizavam alguns artifícios de campanha bem parecidos com os de hoje. Não custa lembrar que, numa das primeiras vezes em que subiu ao palanque, Jânio investiu contra Adhemar de Barros, acusando-o de várias irregularidades durante sua administração no Governo de São Paulo — como a compra de material sem concorrência pública.

Jânio também não gostava de correr riscos. Com a sua popularidade crescendo a cada dia, foi convidado para um debate na televisão, no qual estaria frente a frente com Lott e Adhemar de Barros. À última hora, depois que tudo ficara combinado, Jânio alegou compromissos inadiáveis em Recife para cancelar sua participação no confronto. Não queria correr o risco de ser argüido diante de seu eleitorado.

Foram nove meses de campanha, nove meses de uma luta ideológica que deram a Jânio da Silva Quadros a Presidência do Brasil, com mais de cinco milhões de votos. Uma Presidência à qual ele renunciaria sete meses depois de empossado, deixando na memória do brasileiro a imagem de um tempo em que se viveu intensamente a democracia no País.

30-5-1960



Marechal Henrique Lott: mau orador, mas firme defensor da democracia